

Memória da fase sanatorial em São José dos Campos e Campos do Jordão/SP (1920-1960)

VALÉRIA ZANETTI*, PAULA CARNEVALE VIANNA** E MARIA APARECIDA PAPALI***¹

Resumo

Como seriam as relações de convívio num município que se torna estância de tratamento da tuberculose? Como a população do local convive com a população de doentes em busca de tratamento? Que relações se estabelecem entre os espaços de tratamento e os espaços públicos da cidade? Como se estabelecem relações de convívio entre doentes e sãos? Essas e outras questões são objetos de estudo de uma pesquisa financiada pela Fapesp com a finalidade de entender as práticas cotidianas estabelecidas nos espaços das estâncias climáticas de São José dos Campos e Campos do Jordão no início do século XX, quando os dois municípios foram importantes centros de tratamento da tuberculose e sofreram rígida disciplina sanitária. Para a realização da pesquisa utilizou-se do recurso da história oral a partir da coleta de depoimento de doentes, de moradores ou de pessoas que viveram a realidade das estâncias ou que, “por tabela” ouviram falar dela, ou seja, viveram pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. Por meio dos depoimentos e da memória, compreendida como um fenômeno social e coletivo, foi possível entender o cotidiano das estâncias de tratamento, campos de permanente tensão e disputas.

^{1*} Professora do curso de História e do Mestrado e doutorado em Planejamento Urbano e Regional da Universidade do Vale do Paraíba (Univap), coordenadora do Projeto Cidade e memória, financiado pela Fapesp (Projeto 2014/11849-0) / ^{**} Professora do curso de História e do Mestrado e doutorado em Planejamento Urbano e Regional da Universidade do Vale do Paraíba (Univap), coordenadora do Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica / ^{***} Professora da Faculdade de Saúde e do Mestrado e doutorado em Planejamento Urbano e Regional da Universidade do Vale do Paraíba (Univap), coordenadora do Observatório de saúde da região metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, SP.

Memória da fase sanatorial em São José dos Campos e Campos do Jordão/SP (1920-1960)

Estâncias climáticas de Campos de Jordão e São José dos Campos

As cidades de Campos do Jordão e de São José dos Campos, no início do século XX, eram referências no tratamento da tuberculose e, ambas, conviviam simultaneamente com outras importantes funções. Em Campos do Jordão, a estância de tratamento da tuberculose coexistia com a estância turística. Turistas e doentes frequentaram, em muitos casos, os mesmos espaços. Em São José dos Campos, os sanatórios e pensões dedicados a atender os doentes, criados a partir da década de 1920, compartilhavam espaços com as indústrias da primeira fase do município.

Uma das questões que se levanta consiste em entender as relações de convívio numa sociedade composta maciçamente por tuberculosos. Como o poder público administrava a saúde e a doença? Quais os possíveis espaços de convivências sociais? Até que ponto as rigorosas instruções sanitárias interferiram nas relações de convívio nesses territórios diretamente implicados com a saúde e com a doença? Busca-se, por meio das memórias, desvendar como se vivia em ambiente altamente perigoso; como se construía as identidades coletivas, fruto das tensões, dos conflitos, dos processos de aproximação e de distanciamento intergrupais.

A Busca pela cura da tuberculose, no século XIX, doença que amedrontava a todos, levou ao tratamento dos tuberculosos em estabelecimentos fechados, onde deviam permanecer isolados e receber alimentação e condições higiênicas adequadas, àquela época, únicos meios possíveis de combater a proliferação da doença. Nesse contexto surgem os Sanatórios, instituições de tratamento com regime higienodietético, que vigorou até as primeiras décadas do século 20. O sanatório foi associado à mística do clima de montanha, a chamada climatoterapia, método terapêutico que procura curar as enfermidades através da exposição climática adequada. Aos poucos, o conceito climático foi se diluindo e os hospitais para tuberculosos passaram a ser localizados nas cidades com qualquer clima.

Essas duas estações de cura faziam parte da política de descentralização dos problemas

das metrópoles. A epidemia era uma grande ameaça ao poder de organização do Estado e as medidas para controlá-la configuravam em uma reorganização social, influenciada por um discurso higienista. A metrópole paulistana vivia um momento de avanço da industrialização e concentração das forças produtivas, o que impunha a adoção de políticas de ordenamento urbanístico e a busca, na região do seu entorno, de alternativas para a solução de seus problemas. Essa dispersão gerou investimentos infraestruturais na cidade de São José dos Campos e Campos do Jordão, concebidas como locais apropriados para a concentração dos doentes acometidos pela tuberculose que procuravam a cura nos centros urbanos das grandes metrópoles (LESSA, 2001: p. 22).

As ações direcionadas para o controle da doença foram embasadas nas teorias médicas que aliavam os aspectos geográficos e climáticos como fatores predominantes na organização social e no controle epidêmico. Os governos procuraram alternativas para a organização dos doentes em locais que cumprissem as exigências higienistas. Dessa maneira, surge como solução, no Estado de São Paulo, a criação de cidades estâncias equidistantes da capital: São José dos Campos e Campos do Jordão.

Os locais afastados dos centros urbanos tornaram-se alternativas para a minimização dos riscos de contágio, beneficiados por um Fundo destinado às Estâncias, fornecido pelo Governo do estado. No entanto, os poucos recursos dos órgãos municipal, estadual e até mesmo federal para investir em política profilática causaram um grande problema às estâncias de saúde. O número de doentes, que aumentava a cada ano, transformava a cidade num verdadeiro depósito de tuberculosos que, sem tratamento adequado, tornavam o quadro epidêmico ainda pior. A reunião de tísicos nesses espaços exigiu a criação de normas sanitárias que impuseram relações de convivência específicas, que visavam separar os doentes e mudar a rotina dos moradores sãos, assombrados com a possibilidade de contágio. Até a metade do século XIX, não havia prevenção e nem cura da tuberculose, o que impôs a uma nova dinâmica social com específicas redes de sociabilidades.

Campos do Jordão, estância desde 1926, foi considerada a cidade que tinha o melhor clima do mundo, fazendo jus ao apelido de “suíça Brasileira”. Para lá foram os doentes mais abastados, enquanto os mais pobres procuravam a estância de São José dos Campos que, criada uma década depois, acabou estigmatizada como a “cidade dos Tuberculosos”. Essas nomenclaturas por si só explicam as representações em torno dessas cidades. Ambas reuniam

tuberculosos; no entanto, a ocupação social do espaço definiu a forma como passavam a ser chamadas as duas estâncias.

As estâncias viviam duas vidas diferentes que entravam em constantes conflitos: a vida comum de qualquer outra cidade do interior e a da estação climática. Tendo essa realidade e as relações de aproximação/distância como base, pergunta-se: como era a convivência dos doentes com os moradores das duas estâncias? Existiam relações de sociabilidades entre esses indivíduos? Se existiam como eram os momentos alegres e de descontração? Como viviam os tuberculosos de ambos os gêneros casados que procuraram tratamento nas estâncias, afastados por anos ou décadas de suas famílias? Qual a visão que os moradores da cidade tinham dos enfermos? Como se estabeleciam relações de serviços entre os tuberculosos e determinadas categorias profissionais, tais como cozinheiros, serventes de mesa, barbeiros, dentistas, professores, lavadores de roupa, etc? Quais os espaços permitidos e proibidos aos tuberculosos? Que destinos eram dados às crianças nascidas nos espaços de tratamento? Havia diferenças de sociabilidades entre os sujeitos das duas estâncias?

Por sofrerem o estigma da doença, esses dois municípios viveram um processo de esquecimento e apagamento do passado senatorial, para dar vazão ao presente próspero e saudável das suas novas realidades sociais. São José dos Campos se tornou, a partir da década de 1950 um polo industrial e tecnológico e Campos do Jordão, pela Lei n. 1.844, em 1978, virou uma estância turística.

Em sua análise sobre a tuberculose e a Aids, Dilene Raimundo do Nascimento (1991) as analisa como “fato socialmente construído” (p.26) - para além do fato biológico, a doença é determinada pelos símbolos e valores a ela associados, construções sociais e históricas. Essa percepção, por sua vez, influencia diretamente a adoção das medidas de intervenção e controle que possuem a mesma natureza social e histórica. Portanto, a instituição de tratamentos, terapêuticas e intervenções médicas é tomada neste trabalho igualmente como construção social.

A função sanatorial das duas cidades resultou na reunião de serviços especializados, centrados nos sanatórios, farmácias e pensões, bem como criou amplas e subjetivas redes de socialização. Doentes e seus familiares, de uma forma geral, depositaram nas instituições de tratamento momentos ímpares de suas vidas. No entanto, as fontes documentais acerca dessas instituições e de seus hóspedes e frequentadores não se encontram acessíveis aos

pesquisadores, notadamente porque o passado dessas duas cidades deixou de ser o padrão do presente. No site oficial da prefeitura de Campos do Jordão, nenhuma menção se faz ao passado da cidade como estância de tratamento (<http://www.camposdojordao.sp.gov.br>). A fase sanatorial aparece, timidamente, no site oficial da prefeitura de São José dos Campos, apesar de se acentuar a importância desse passado para o momento presente do “principal município da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e o mais importante polo aeronáutico e aeroespacial da América Latina” (http://www.sjc.sp.gov.br/sao_jose.aspx):

Depois de ocupar posição periférica no período áureo do café no Vale do Paraíba, São José dos Campos ganhou destaque nacional na chamada fase sanatorial, quando inúmeros doentes procuravam o clima da cidade em busca de cura para a tuberculose.

Em 1924 foi inaugurado o Sanatório Vicentina Aranha, o maior do país. Somente em 1935, com os investimentos do governo de Getúlio Vargas e a transformação do município em estância climática e hidromineral, o município pôde investir em infraestrutura, principalmente na área de saneamento básico, que no futuro viria a ser um trunfo a mais para a atração de investimentos destinados ao desenvolvimento industrial.

Entre 1935 a 1958, a cidade foi administrada por prefeitos sanitaristas, nomeados pelo governo estadual. A autonomia para eleger o prefeito foi perdida em 1967, durante o regime militar, e reconquistada em 1978 (IDEM).

Percebe-se, pelo discurso oficial, pouco destaque ao passado dessas duas cidades e uma acentuada ênfase de seus tempos presentes. Eric Hobsbawm explica essa relação da sociedade com o passado por meio da sua função social. Todas as sociedades têm um passado, disso, não temos como fugir. Até as novas colônias são povoadas por pessoas que trazem uma longa história. Ser membro de uma comunidade humana é, sobretudo, segundo Hobsbawm,

situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que apenas para rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana. O problema para os historiadores é analisar a natureza desse “sentido do passado” na sociedade e localizar suas mudanças e transformações (HOBSBAWM, 1998, p. 22).

O “passado”, segundo Hobsbawm, pode ser definido oficialmente como “uma seleção

particular da infinidade daquilo que é lembrado ou capaz de ser lembrado (...). Em toda sociedade, a abrangência desse passado social formalizado depende, naturalmente, das circunstâncias. O “passado social formalizado” é claramente mais rígido, uma vez que fixa o padrão para o presente. Tende a ser o tribunal de apelação para disputas e incertezas do presente. O certo é que “o molde do passado continua a modelar o presente, ou assim se imagina” (IDEM, p.25). Quando a mudança social acelera ou transforma a sociedade para além de um certo ponto, o passado deve cessar de ser o padrão do presente, e pode, no máximo, tornar-se modelo para o mesmo.

Certos de que a história é a matéria-prima no processo de fabricar as “nações” historicamente novas, nada mais crível do que a exegese defendida por Hobsbawm: “Nadamos no passado como o peixe na água, e não podemos fugir disso. Mas nossas maneiras de viver e de nos mover nesse meio requerem análise e discussão”. É a isso que nos propomos.

A história das Estâncias Climatéricas ainda demanda pesquisas, sobretudo sobre a dinâmica das relações sociais e de convívio espacial. As duas cidades, apesar de terem vivido funções semelhantes no passado, tiveram histórias diferenciadas. A São José do Campos sanatorial conviveu também com a função industrial, o que lhe permitiu hoje se tornar um grande polo tecnológico. A estância de cura de Campos do Jordão compartilhou sua funcionalidade turística. Nesse sentido, interessa-nos investigar como se deram as relações de convívio entre as diferentes propostas urbanas: as pesquisas científicas e experiências médicas concebidas por especialistas no tratamento da tuberculose; a atuação dos profissionais liberais, agindo nas redes de serviço criadas pela doença e adaptadas às políticas progressistas do Estado de São Paulo entre o final do século XIX e meados do século XX e, sobretudo, como viviam os moradores com a população forasteira acometida pela tuberculose.

Em sete meses de projeto, até o momento, foram coletados, no total, mais de 30 depoimentos de pessoas que viveram a época da estância ou que ouviram falar dela. 10 depoimentos tratam da estância de Campos do Jordão e 20 da mesma fase em São José dos Campos. Além dos depoimentos foram digitalizados jornais e documentos históricos da época. Em uma análise preliminar dos relatos referentes a Campos do Jordão, nos chamou atenção o fato de todos os depoentes, coincidentemente, falarem da cidade como “altar da solidariedade Humana”. O Prof Jarmuth Andrade disse:

(...) o ciclo da cura foi muito importante porque a nossa estância de campos do Jordão sempre recebeu muito bem as pessoas, as pessoas que procuravam a estância não só pelo clima maravilhoso, pela natureza exuberante pelos recursos, pelas águas, também buscavam em função da saúde, e essa oportunidade que essas pessoas tiveram foi que simplesmente muitos vieram aqui para morrer, porque a tuberculose matava (...), mas eles vinham aqui e encontravam a cura, através do clima, através das condições e principalmente dos tratamentos que foram oferecidos a partir dos trabalhos de baluartes, de pessoas muito importantes na história de Campos do Jordão.

(...) você imagina inicialmente quando as pessoas vinham e ficavam pelas ruas, passando mal, e morrendo, e as pessoas (jordanenses) é que recebiam, davam comida, ajudavam, foi formando uma população calejada. Esse pessoal levar esse pessoal depois começou a formar as pensões, a organizar o sistema de atendimento (ANDRADE, 2016)

Sobre a receptividade dos jordanenses aos forasteiros doentes, o senhor Tubarão, relatou que o bonde chegava às 3 horas da tarde e “um monte de gente tava aqui (na estação) já, e chegava um rapaz com a malinha de papelão, sem dinheiro, tuberculosos pra lá e pra cá” (TUBARÃO, 2016).

Discriminação, segundo os depoentes de Campos do Jordão, sofreram os moradores da cidade quando saíam dela. Tubarão contou a discriminação que sofreu quando era coordenador de uma equipe de basquete e foi pra Volta Redonda nos jogos abertos do Vale do Paraíba. Numa lanchonete, ao esperar o sanduiche chegar, resolveu puxar conversa com uma turma de moradores. O senhor tubarão relata o episódio:

Falei né, que eu vou torcer pra São José dos Campos.

-Ué, por que, poxa! Tem que torcer pra nós (retrucaram os jogadores de V. Redonda)

- Não, é porque eu moro lá perto, né!

- Ce mora onde? (Perguntaram assustados os moradores de Volta Redonda).

- Eu moro em Campos do Jordão.

(Nesse ínterim, chega a moça da lanchonete entregando o pedido):

- Tá aqui, pronto!

Quando eu virei, não tinha mais ninguém perto de mim (risos) (TUBARÃO, 2016).

Poucos sabem que a região da Abernécia foi formada de famílias tuberculosas que foram pra Campos (TUBARÃO, 2016). Naquele espaço, a convivência era pacífica, no entanto, fora dali, muitos negavam sua condição, para não sofrer discriminação. Sr Ulisses Pessanha relatou que “o psico dele (do tuberculoso) ficava meio perturbado” e “uns não admitiam que estavam doentes. Diziam: eu to aqui é porque o meu calo inflamou (risos)” (PESSANHA, 2016).

Apesar de ser voz recorrente a fala de Campos do Jordão como “Altar da solidariedade

Humana”, outras vozes tentaram quebrar a hegemonia do discurso e sofreram retaliações públicas. Dois importantes escritores, que estiveram em Campos do Jordão se tratando, Paulo Dantas em *Cidade Enferma* (1950) e Nidoval Reis, em *A Sombra da Desgraça* (1951), vozes dissonantes, esses dois livros, o primeiro em forma de um romance e o segundo de poesias, deixaram registros de outras evidências do espaço da estância de Campos. Os dois exemplares receberam críticas indiretas do *Jornal A Cidade* (Ano II, 7 janeiro de 1951, N. 97):

Sob a sombra da desgraça

Tem-se a impressão de que a dor aí (o autor refere-se ao livro de poesias de Nidoval Reis) é acidentalmente extravasada, utilizando-se o poeta de verso para dar evasão aos rompantes de revoltas, as crises momentâneas de desespero, oriundas de suas condições de doente sem recursos monetários (...) O Sr Nidoval Reis repete o epíteto de Cidade Enferma (de Paulo Dantas), o qual um escritor brindou Campos do Jordão, num livro que deixou muito a desejar. A nossa Estância é clima aconselhado para a cura da tuberculose, mas nas outras cidades existem mais doentes do que aqui, o que lhes valerá também, a prevalecer a lógica dos heletristas em referencia o mesmo nome enfermigo.

Resumindo estas notas, achamos que o Sr Nidoval Reis como principiante, fez um livro bom, dando mostras de que poderá conseguir muita coisa, futuramente. E são votos que isso se realize (p. 1-3).

O poder do discurso é uma imposição política. O lema da solidariedade humana, propagado aos quatro cantos da cidade de Campos do Jordão falou mais alto. Alvo de memorialistas, a história da Suíça Brasileira se consolidou e se legitimou pelo senso comum. Houve, na verdade, um controle dos discursos. Foucault pode nos ajudar a entender tal fenômeno quando, ao estudar a ordem do discurso, determinou as condições do seu emprego, impondo aos indivíduos que os proferem certo número de regras e de não permitir, desse modo, que toda a gente tenha acesso a eles. Só alguns se tornarão

os sujeitos falantes; ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer certas exigências, ou se não estiver, à partida, qualificado para o fazer. Mais precisamente: as regiões do discurso não estão todas igualmente abertas e penetráveis; algumas estão muito bem defendidas (são diferenciadas e são diferenciadas), enquanto outras parecem abertas a todos os ventos e parecem estar colocadas à disposição de cada sujeito falante sem restrições prévias (FOUCAULT, 1996:37).

Em São José dos Campos, portanto, a ordem do discurso é inversa da de Campos do Jordão. Sabe-se, por meio de memorialistas, que doentes conviviam, de forma não muito pacífica, com os moradores de São José dos Campos. Oswaldo Martins Toledo, por exemplo, definia dessa forma a cidade: “São José dos Campos, cidade pequena, gostosa, das pessoas

amigas e inimigos fidalgos, alguns, inclusive, rejeitando e reclamando dos doentes, odiavam os tuberculosos e o Bacilo de Koch, não aceitaram a invasão e tinham medo” (TOLEDO, 1995: 98). Toledo mostra também que a distância se impunha além das fronteiras da cidade. O memorialista relatou o comportamento de passageiros que saíam de São José dos Campos com destino ao Rio de Janeiro:

A maioria dos passageiros viajava no Expressinho e no Misto, e a fama de São José era tão ruim que, se alguém sentasse ao lado e tomasse conhecimento da origem e destino joseense, imediatamente parava a conversa, abria a janela e virava de lado, para não receber a respiração do indivíduo. Lenço no nariz era frequente e geral, do início ao fim do município (TOLEDO, 1995:84 APUD ZANETTI, 2010).

Por outro lado, notícias veiculadas no periódico local mostravam outra realidade:

Os doentes aqui são acolhidos até com as maiores facilidades. Encontram franca entrada em toda a parte e facilidades em alugar casas, comoda entrada nos hotéis. Tudo aqui é fácil para elles. Não há nenhuma dificuldade. Nenhum impecilho. É um verdadeiro mar de rosas. Quem são os culpados por isso? Porventura não somos nós mesmos? (CORREIO JOSEENSE, 1921: 01).

O medo do contágio reclama um controle público e real aplicação do Código Sanitário. Essas reclamações, geradas pela sensação de vulnerabilidade, eram decorrentes de inúmeros fatores: da ocupação dos doentes em espaços públicos (mercearias e lojas de gêneros alimentícios), do comportamento pouco higiênico de escarrar em vias públicas. O perigo de contágio no mercado, espaço público de exposição de mercadorias sujeitas à contaminação pela grande movimentação de doentes foi denunciada em versos:

*Minha comadre Joaquina
Tou aqui, tou-lhe escrevendo,
E mecê logo vae vendo,
Qual o fim de minha sina
Mal cheguei hontem do matto
Com o meu pé numa afflicção,
O mardito do sapato,
Me esfolou todo o dedão.*

*Conforme sua encommenda,
Não querendo andá p'ra venda, Fui comprá logo a farinha
No mercado onde é fresquinha*

Fui chegando ressabiado

*Desconfiando do perigo
Que nós temos é inimigo
Muito dellle intizicado,
A esbarrá no nosso imbigio.*

*O perigo está por tudo,
É no chão ater pelo á
Si nós tudo ficá mudo,
Doença acaba com o lugá*

*No mercado é uma tristeza,
Os doentes estão tussindo,
É no chão até na meza,
Estão cruzando, indo e vindo,
É na alface, é na verdura
Tão pegando, tão cheirando,
O toucinho vão furando
E agarrando rapadura.*

*Tem um cabra que é um colosso
Todos dizem que é um turcão
(E tem mais carne do que osso)
Vae mettendo logo a mão,
Nem mecê não adivinha
Bem no sacco da farinha,
E comendo um punhadão
O restante cahe no sacco,
A maneira de cavaco
Que se atira com o formão*

*Já provei com testemunha,
Que na própria rapadura,
Para sabê si ella é pura,
Vão cravando logo a unha,
Desse jeito eu acho bão.
É fervê todo o alimento
Nem que seja cem por cento,
Inclusive o requeijão.
É esquentando até a rapadura
Nem que fique sem doçura
É conselho que lhe dá.*

Francisquinho do Amará (CORREIO JOSEENSE, 1920:3).

A ironia foi usada como forma de zombaria, para depreciar atitudes ou manifestações que deveriam ser condenadas pelo contexto da contaminação. No intuito de cutucar os doentes, achincalharam-se atos corriqueiros que boa parte da população praticava. Cuspir e escarrar na rua passava ser um comportamento denunciador da má conduta dos indivíduos. Por meio da ironia, criticavam-se pessoas e acontecimentos determinados. Zombando do

doente, a ironia cumpria seu processo comunicativo. A memória do espaço, relacionada aos sujeitos que o ocupavam, foi também perscrutada pelos periódicos, porta voz dos segmentos hegemônicos da localidade.

Falar em memória significa, antes de qualquer outra coisa, confrontar-se com duas perguntas fundamentais: uma relacionada ao sujeito e outra ao objeto do ato de memória. O exercício da memória tem sempre sujeito e objeto definidos: por um lado, a memória é sempre pessoal e comprometida, ou seja, há sempre alguém que recorda, possuidor da memória e, portanto, o ponto de partida da lembrança; por outro, lembra-se sempre de algo, o que significa que a recordação está sempre em referência a um fato que se pretende rememorar, dimensão que é conhecida como caráter objetual da memória.

Bibliografia

FOUCAULT, M. A Ordem do Discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1996

HOBBSAWM, Eric. 1917. O Sentido do Passado. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LESSA, Simone Narciso. São José dos Campos: O planejamento e a construção do polo regional do vale do Paraíba. Tese de Doutorado em Planejamento Urbano e Regional, Unicamp, 2001.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo. *Tuberculose: de questão pública a questão de Estado. A Liga Brasileira contra a Tuberculose*. Dissertação de mestrado. Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1991.

TOLEDO,

ZANETTI; Valéria, et ali. O Boletim Médico: prescrição dos tisiólogos para a cura da cidade de São José dos Campos (1930-1935). *Hist. cienc. saude-Manguinhos*.vol.17. N.3.Rio de Janeiro, 2010.

ZANETTI, Valéria. *Cidade e identidade: São José dos Campos, do peito e dos ares*. São Paulo: Annablume, 2012; resultado da tese de doutorado defendida no programa de História Social da PUCSP, em 2008.

Depoimentos:

ANDRADE, J. 2016.

TUBARÃO, 2016.

PESSANHA, U. 2016.

Sites:

<http://www.camposdojardao.sp.gov.br>

http://www.sjc.sp.gov.br/sao_jose.aspx